



Prof. Luciano Nakabashi  
Francielly Almeida e Armando Henrique

## Indústria e Investimentos recuam no 2º trimestre e Economia Brasileira mantém ritmo lento de crescimento

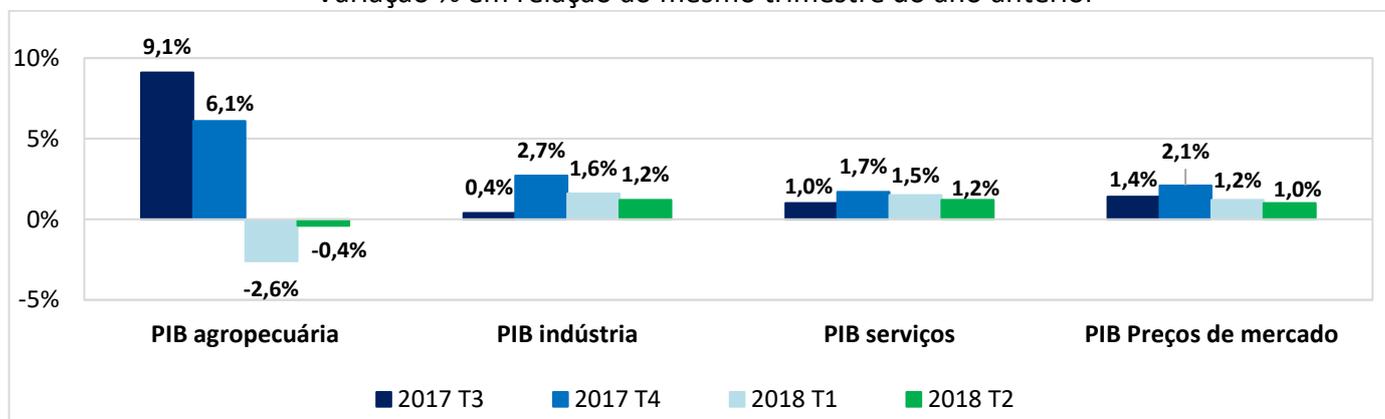
Os dados das Contas Nacionais Trimestrais do IBGE mostram que economia brasileira cresceu 0,2% no segundo trimestre de 2018, na série com ajuste sazonal, em relação ao trimestre, imediatamente anterior. Em valores correntes, o PIB do segundo trimestre de 2018, totalizou R\$ 1.693,3 bilhões. Dentre os setores, foi registrado crescimento apenas no setor de serviços (0,3%), com destaque para as atividades de informação e comunicação (1,2%) e atividades imobiliárias (1,2%), ambas com crescimento de 1,2%. A indústria recuou 0,6%, com contribuições negativas das indústrias de transformação e construção, ambas com decréscimo de 0,8% na produção. O setor da Agropecuária apresentou estabilidade.

Na comparação com o mesmo trimestre de 2017, o PIB brasileiro cresceu 1%, como mostra a Figura 1, totalizando cinco trimestres consecuti-

vos de crescimento positivo. Nessa base comparação, os principais destaques, pelo lado da oferta, foram a indústria e o setor de serviços, ambos com crescimento de 1,2%. Houve expansão em todas as grandes categorias industriais, com exceção da construção (-1,1%). A atividade de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos teve maior avanço, (3,1%), puxado, sobretudo, pela alta do consumo de energia elétrica. O segmento de atividades imobiliárias, com crescimento de 3%, foi o destaque no setor de serviços.

O PIB da agropecuária, por outro lado, apresentou recuo de 0,4%, resultante da menor produtividade e do desempenho desfavorável de lavouras que possuem safra relevante no segundo trimestre como o milho (-15,7%), arroz (-7,3%) e mandioca (-3,2%).

**Figura 1 – PIB Trimestral do Brasil: Total, agropecuária, indústria e serviços**  
Variação % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior



Fonte: SIDRA / IBGE (Contas Nacionais Trimestrais).



Prof. Luciano Nakabashi  
Francielly Almeida e Armando Henrique

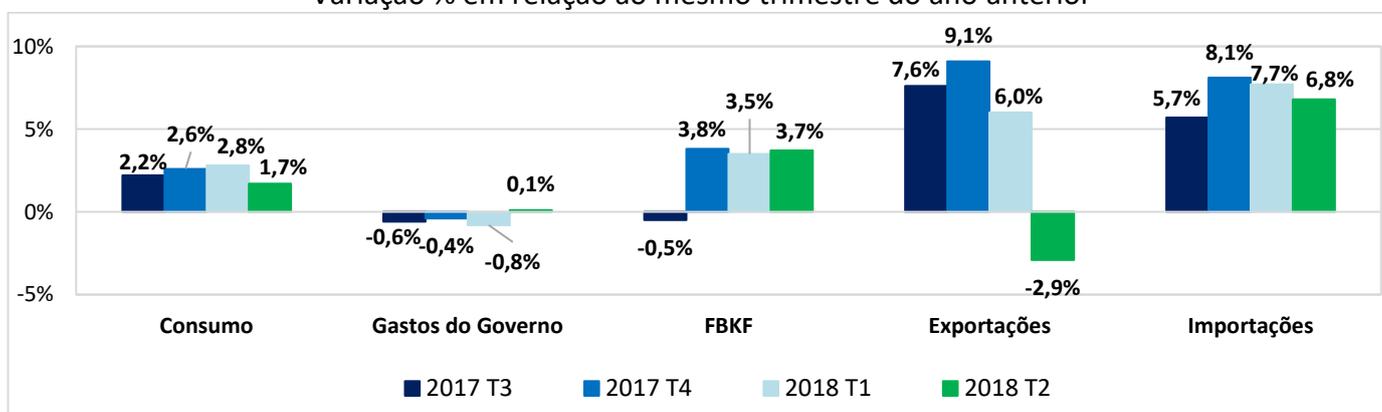
Pela ótica da demanda, a despesa de consumo das famílias ficou praticamente estável (0,1%) em relação ao primeiro trimestre de 2018 e os gastos do governo avançaram 0,5%. Todos os demais componentes recuaram na comparação trimestral: a formação bruta de capital fixo teve retração de 1,8%, enquanto as exportações e importações de bens e serviços recuaram 5,5% e 2,1%, respectivamente.

Na comparação anual, o consumo das famílias registrou, no segundo trimestre de 2018, um crescimento de 1,7%, atingindo o quinto trimestre consecutivo de avanço. A maior disponibilidade de crédito para pessoa física, bem como as menores taxas de inflação e os juros mais baixos,

frente ao cenário registrado no segundo trimestre de 2017, estão entre os fatores contribuintes para esse resultado. Também houve expansão dos investimentos (3,7%) puxada pelo aumento da importação e produção de bens de capital. Para os gastos do governo foi registrada estabilidade (0,1%) em relação ao segundo trimestre de 2017.

No setor externo, as exportações apresentaram queda de 2,9%. As importações, por outro lado, expandiram-se em 6,8% no segundo trimestre de 2018 em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, com aumento nas compras externas de veículos, metalurgia, produtos farmacêuticos e máquinas e equipamentos.

**Figura 2 – PIB Trimestral: componentes da demanda**  
Variação % em relação ao mesmo trimestre do ano anterior



Fonte: SIDRA / IBGE (Contas Nacionais Trimestrais).

## Mercado de Trabalho: Taxa de Desemprego se mantém em queda e há aumento da Informalidade

A taxa de desemprego se mantém em queda pelo quarto trimestre móvel consecutivo, atingindo 12,3% (sem ajuste sazonal), no trimestre encerrado em julho de 2018, conforme mostra

a Figura 3. Na comparação com o trimestre anterior (de fevereiro a abril de 2018), foi registrada queda de 0,6 p.p., e de 0,5 p.p. frente ao mesmo trimestre móvel de 2017.



# Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

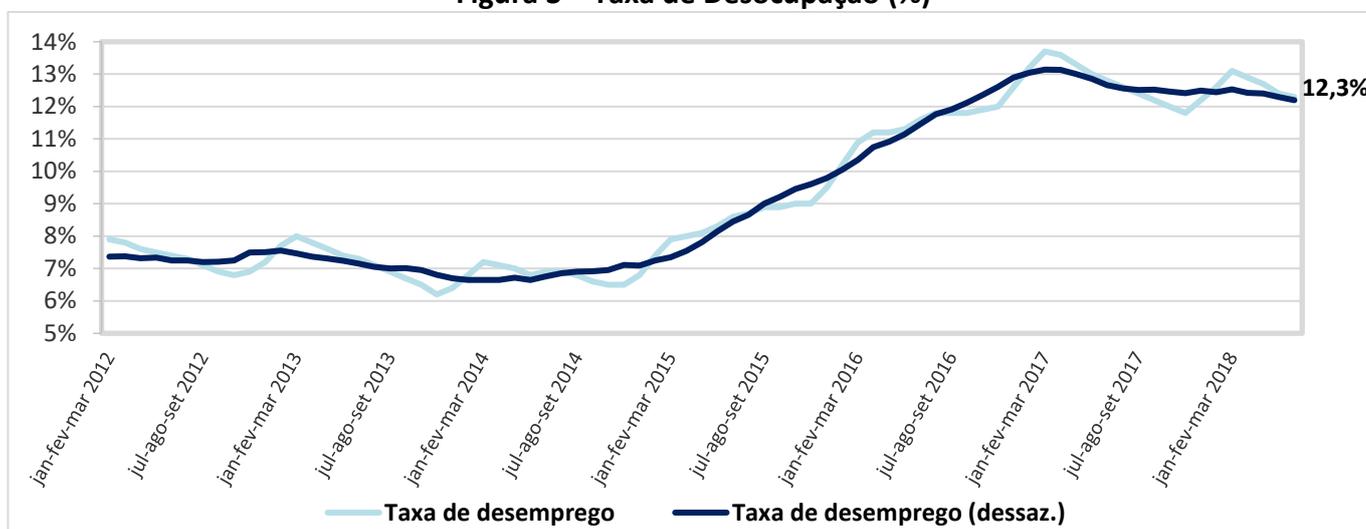
Prof. Luciano Nakabashi  
Francielly Almeida e Armando Henrique

A população desocupada totalizou 12,9 milhões de pessoas, recuando tanto em relação ao trimestre anterior (-4,1%) quanto na comparação com o mesmo trimestre de 2017 (-3,4%).

A população ocupada aumentou. Na comparação com o trimestre anterior, a alta foi de

1,0%, praticamente, o mesmo crescimento registrado na comparação com igual trimestre do ano anterior (1,1%). Destaque, na comparação anual, para o aumento de empregados sem carteira assinada (3,4%) e por conta própria (2,1%).

Figura 3 – Taxa de Desocupação (%)



Fonte: PNADC/IBGE.

Nota: A Taxa de Desemprego foi dessazonalizada, via método X-12 de ajuste sazonal, no Eviews 8

## Utilização da Capacidade Instalada não esboça grande alteração e Incerteza e o Fraco desempenho da Economia afetam a Confiança dos Setores

As Figura 4 e 5 mostram, respectivamente, os dados do nível da utilização da capacidade instalada e dos índices de confiança disponibilizados pela FGV/IBRE. O nível de utilização da capacidade instalada da indústria atingiu 76% no mês de agosto, apresentando uma leve recuperação, após dois meses de queda.

Na construção, após uma significativa queda na utilização da capacidade instalada, nota-se uma reação, ao longo deste ano. No entanto, a trajetória de recuperação ainda não conseguiu ganhar impulso. No setor de serviços, a utilização da capacidade instalada ficou em

80,7%, com queda de 1 p. p. em relação ao mês anterior.

O Índice de Confiança desse setor se recuperou, após quedas consecutivas de Fev./18 a Jun./18, apresentando o segundo aumento consecutivo. No mês de Ago./18, o índice alcançou 89 pontos, com alta de 1,5 ponto em relação a Jul./18. Como aponta relatório da FGV, o índice ainda é baixo, refletindo o baixo desempenho corrente dos negócios e o ambiente de elevada incerteza conformado pelo cenário eleitoral.



# Conjuntura Econômica

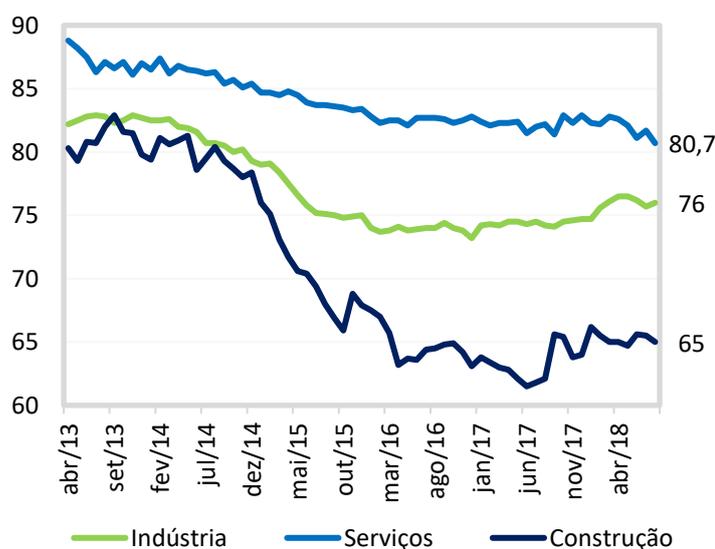
Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi  
Francielly Almeida e Armando Henrique

O Índice de Confiança da indústria alcançou 99,7 pontos, o menor nível do ano, com recuo de 0,4 ponto na comparação com Jul./18. A confiança na construção ainda se mantém baixa, e vem apresentando os menores patamares, dentre todos os índices analisados. O Índice de Confiança do comércio subiu 1,1 ponto em Ago./18, atingindo 89,9 pontos – primeira alta após quatro quedas consecutivas.

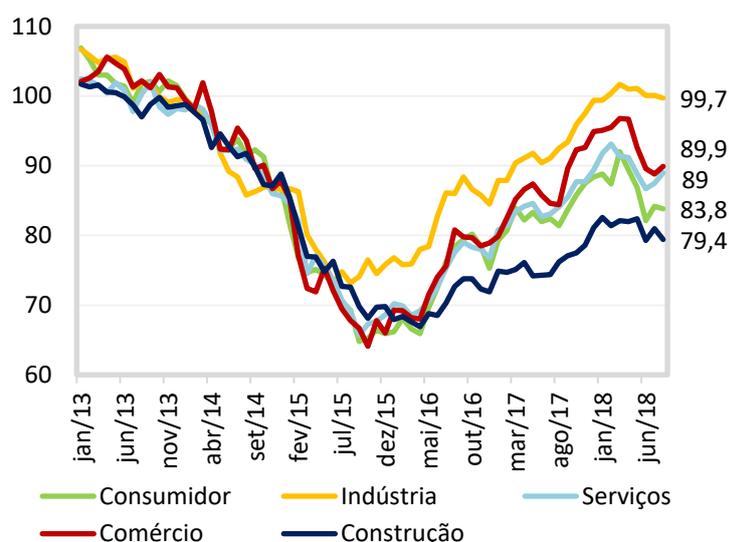
O Índice de Confiança do Consumidor recuou 0,4 p.p. em Ago./18, alcançando 83,8 pontos. Segundo a FGV, o recuo é explicado pela lenta recuperação do mercado de trabalho, ambiente de elevada incerteza, bem como pelo risco de aceleração inflacionária e dificuldades das famílias em relação ao seu equilíbrio orçamentário.

Figura 4. Utilização da Capacidade Instalada: indústria, serviços e construção (%)



Fonte: IBRE/FGV. Período: Abr./13 a Ago./18

Figura 5 – Índices de Confiança: consumidor, comércio, indústria, construção e serviços



## Grupo de Transportes tem Deflação e o Mês de Agosto fecha com IPCA negativo

A Tabela 1 mostra os resultados do IPCA, referentes aos meses de julho e agosto de 2018. No mês de agosto, o IPCA geral foi de -0,09%, a menor taxa obtida para o mês, desde 1998. Os grupos *alimentação e bebidas* (-0,34%) e *transportes* (-1,22) ficaram mais baratos no mês de agosto. Em relação ao primeiro grupo, as maiores quedas foram para a cebola (-22,19%), batata inglesa (-11,89%), tomate (-4,84%) e leite longa vida

(-3,48%), revertendo a forte alta de Jul./18 (11,99%). No grupo de *transportes*, passagem aérea (-26,12%) foi o maior destaque. Os combustíveis (-1,86%) também ficaram mais baratos.

Em 12 meses, o IPCA acumula alta de 4,19%, com destaque para *habitação* (7,28%) e *transportes* (6%). No acumulado do ano, a inflação atingiu 2,85%.



# Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

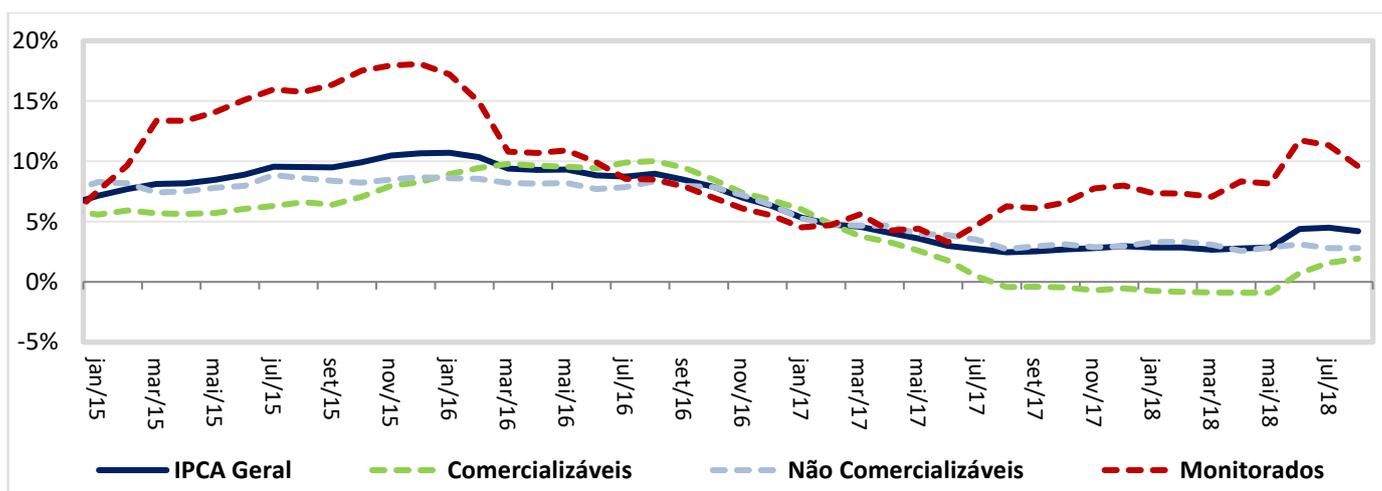
Prof. Luciano Nakabashi  
Francielly Almeida e Armando Henrique**Tabela 1 – IPCA por grupamentos**  
Var. %, acum. 12 meses e acum. no ano

Grupo	Variação (%)		Variação acum. 12 meses		Variação acum. no ano	
	Julho	Agosto	Julho	Agosto	Julho	Agosto
<b>Índice geral</b>	<b>0.33%</b>	<b>-0.09%</b>	<b>4.48%</b>	<b>4.19%</b>	<b>2.94%</b>	<b>2.85%</b>
Alimentação e bebidas	-0.12%	-0.34%	1.41%	2.16%	2.81%	2.47%
Habitação	1.54%	0.44%	7.42%	7.28%	4.63%	5.09%
Artigos de residência	0.47%	0.56%	0.74%	1.10%	1.23%	1.79%
Vestuário	-0.60%	0.19%	1.62%	1.52%	-0.60%	-0.41%
Transportes	0.49%	-1.22%	8.95%	6.00%	4.12%	2.85%
Comunicação	0.08%	0.03%	0.38%	0.97%	0.00%	0.03%
Saúde e cuidados pessoais	0.07%	0.53%	5.31%	5.44%	3.24%	3.79%
Despesas pessoais	0.31%	0.36%	3.37%	3.44%	1.32%	1.68%
Educação	-0.08%	0.25%	5.04%	5.05%	4.49%	4.75%

Fonte: SIDRA/IBGE.

Ainda em relação à inflação, a Figura 6 mostra a trajetória do IPCA acumulado em 12 meses, para bens comercializáveis, não comercializáveis e monitorados. Destaque para a trajetória de

aumento dos preços de comercializáveis, desde Maio/18, e queda dos preços monitorados, a partir de Jun./18.

**Figura 6 – IPCA geral, comercializáveis, não comercializáveis e monitorados**  
Var. % acum. em 12 meses

Fonte: Banco Central e IBGE. Período: Jan./15 a Ago./18.



# Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

*Prof. Luciano Nakabashi  
Francielly Almeida e Armando Henrique*

## Conclusões

Os dados apresentados neste Boletim evidenciam um cenário econômico com fraco desempenho. A economia brasileira praticamente não apresentou crescimento no 2º trimestre deste ano, com recuo da produção industrial e dos investimentos. A greve ocorrida em maio teve um significativo impacto no resultado, gerando perdas de grandes proporções que podem, ainda, levar um tempo para serem recuperadas.

A dificuldade em retomar o ritmo de crescimento se reforça, no segundo semestre do ano, pelo ambiente de elevada incerteza associado ao processo eleitoral. A conjugação desses cenários de ritmo lento na recuperação econômica, com desafios em relação ao aumento da informalidade no mercado de trabalho e o quadro de incerteza

arrefecem as expectativas dos investidores que passam a ter maior cautela em relação às suas decisões de investimento.

Adicionalmente, o cenário externo apresenta um quadro incerto e conturbado. As medidas protecionistas do governo Trump e a guerra comercial travada entre EUA e China, principais parceiros comerciais do Brasil, podem afetar o desempenho das exportações brasileiras e prejudicam o desempenho da economia mundial.

A conjuntura atual coloca desafios à retomada do crescimento e a agenda de reformas e políticas econômicas do próximo governo serão cruciais para contornar as fragilidades estruturais do país e gerar condições para a recuperação econômica e o crescimento no longo prazo.